

Companhia do Chapitô

# ELECTRA

10 Mar. a 10 Abr.  
quinta a domingo  
22h Chapitô



Criação Colectiva  
**Direcção:**  
Cláudia Nóvoa  
José Carlos Garcia  
**Interpretação:**  
Jorge Cruz  
Nádia Santos  
Tiago Viegas

2016



**Companhia do Chapitô**



La Compañía do Chapitô fue creada en 1996.

Emplea siempre la comedia por su poder para cuestionar todos los aspectos de la realidad física y social.

Crea, desde su fundación, espectáculos multidisciplinares que se asientan en el trabajo físico del actor en un proceso colectivo y en constante desarrollo, que invitan a la imaginación del público, y que se relacionan estrechamente con éste.

Comunica, esencialmente a través del gesto y de la imagen, rompiendo las barreras lingüísticas y afirmando su vocación universal, lo que le permite tener una relación muy próxima con los espectadores.

Desde su formación ha realizado 31 creaciones originales, representadas en Portugal y un poco por todo el mundo: Brasil, Cabo Verde, China, Colombia, Eslovaquia, España, Finlandia, Francia, Irán, Italia, Noruega, Francia, Suecia, Argentina...

## FICHA TÉCNICO ARTÍSTICA

### COMPANHIA DO CHAPITÔ

**Título:** Electra

**Creación Colectiva**

**Dirección Artística:** José Carlos Garcia & Cláudia Novoa

**Interpretación:** Jorge Cruz | Nádía Santos – Susana Nunes | Tiago Viegas

**Vestuario:** Glória Mendes

**Dirección Técnica:** David Gonçalo Florentino

**Texto en castellano:** María Guerrero y César Arias

**Dirección de producción:** Tânia Melo Rodrigues

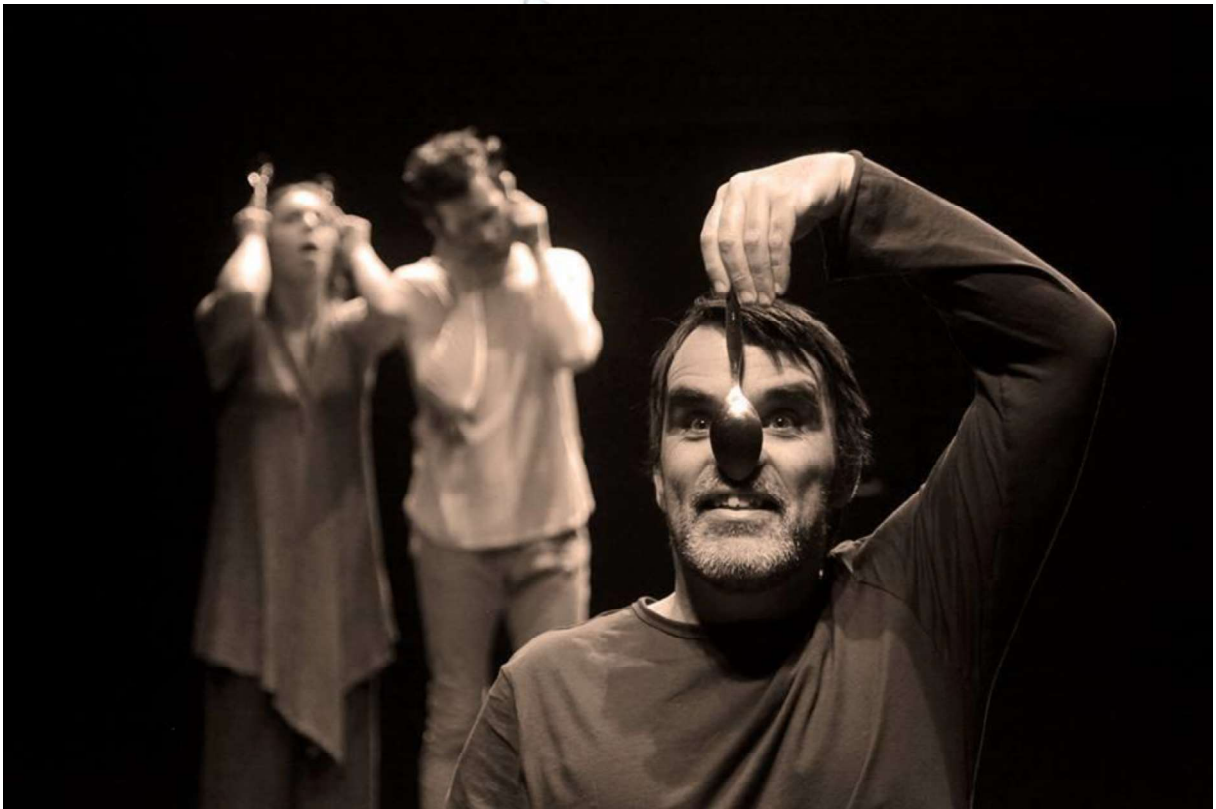
**Distribución - contratación:** César Arias – MARMORE

**Estreno:** 10 de marzo de 2016. Lisboa – Chapitô.

**Estreno en España:** 27 de septiembre de 2016. Feria de Teatro de Huesca.

**Clasificación por edades:** Recomendado para mayores de 12 años.

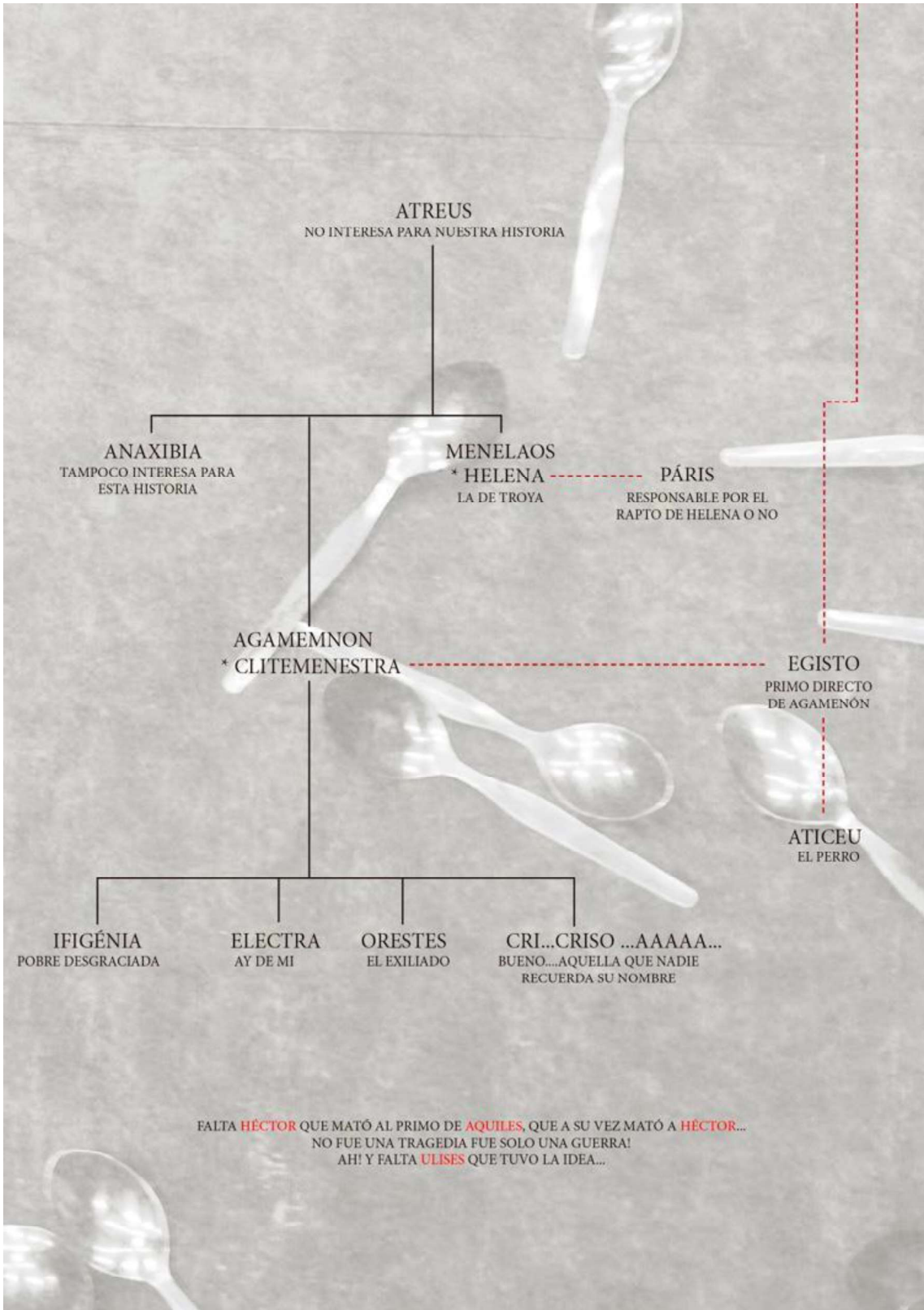
**Duración:** 60 min



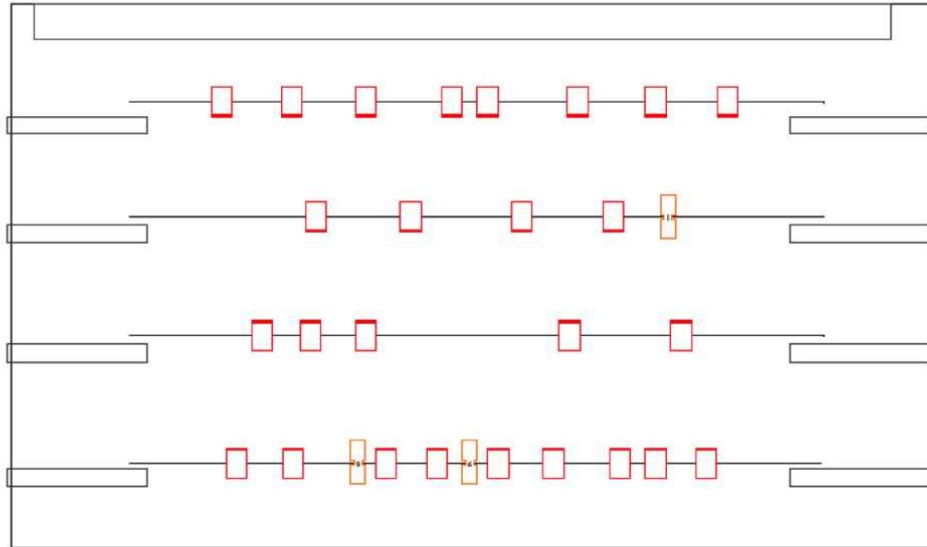
## SINOPSIS

Después de Edipo, la Companhia do Chapitô se atreve con otro título complejo (que no complicado) dentro de la tragedia griega: Electra. En la Atenas del rey Agamenón se convoca una guerra para liberar a la bella Helena de las garras de su secuestrador (o no, que hay quien dice que se fue con Paris encantada de la vida). Al no tener viento favorable para sus barcos, Agamenón sacrifica a su hija Ifigenia por indicación de los profetas. Este hecho desencadena que Clitemnestra trame su venganza junto a Egisto, su amante y primo del rey. Tras diez años de guerra, al volver de Troya, Agamenón es asesinado y Electra, la hija preferida del padre, por el que siente devoción, consumará la venganza con la ayuda de su hermano Orestes, matando a su propia madre y al tío. Y todo este baño de sangre familiar se cuenta al estilo propio e inconfundible de esta compañía: en clave de comedia desternillante.





## RIDER TÉCNICO



### ILUMINACION

- 34 – PC 1000w (20 CTO 201) (Filtros 201)
- 3 RECORTES (Filtros 201)

### SONIDO

- 1 PA sistem
- 2 monitores en escenario
- Doble Reproductor de CD profesional.

### ESCENARIO

- El área de la escena debe estar cubierta con linóleo. Esto es importantísimo, porque las cucharas sobre madera pueden ser peligrosas para los intérpretes. **Sin linóleo, no podrá realizarse la actuación.**

### CONTACTO

- PAULO CUNHA. TELÉFONO +351 938870450. Mail: paulokunha@gmail.com

El reproductor, la mesa de luces y mesa de sonido deben estar juntos, ya que son operados por el mismo operador.

Será necesaria la presencia de al menos un técnico de luces, otro de sonido y alguien de mantenimiento del teatro que se encargue de, entre otras cosas, la limpieza del linóleo antes de la actuación.

El montaje tendrá una duración de 5 a 6 horas con la programación.

Este diseño está sujeto a modificaciones y puede adaptarse a la sala donde se va a realizar el espectáculo.

Todo el equipamiento se puede sustituir con la aprobación previa de la técnica

Será necesario proveer a los intérpretes y técnico **con abundante agua mineral** en camerinos, y que estos estén debidamente equipados. Papel higiénico, jabón para manos, en fin... lo normal.

Será necesario también tener una plancha con tabla de planchar.

## Críticas de prensa

### TEATRO

Helena Simões

## Electra à colher

Na comemoração dos 20 anos, a Companhia do Chapitô, apresenta-nos *Electra* que, embora parta do episódio trágico e de vingança induzido pela filha de Agamémnon e de Clitemenestra, é primorosamente parodiado num espetáculo portentoso de inventividade, coerência estilística e apurada concretização.

É uma reescrita especial das tragédias que chegaram até nós sobre o antiquíssimo mito de *Electra*, uma das mais populares personagens da mitologia grega, que instiga o seu irmão Orestes a matar seu tio e sua mãe por estes terem assassinado seu pai Agamémnon, que por sua vez sacrificara a filha mais velha Efigénia para obter ventos favoráveis para a partida para a guerra de Troia. Fiel ao seu estilo, a resposta da Companhia Chapitô para esta nova abordagem é a da pura ação

cénica. E em cena estão apenas três atores (que assumem todas as personagens) e uma formidável cenografia composta por centenas de colheres no palco e que se constituem como a pedra de toque desta conceção dramática - pois, pela liberdade de uso que lhe foi concedida e pela perícia dos atores, elas vão criar ao longo de toda a representação uma tensão de violência e risco patente no sangrento episódio de *Electra*.

De facto, a colher neste espetáculo é um elemento fundamental para a clareza de exposição, dado que, pela polissemia que lhe foi atribuída, é índice e símbolo tanto na sua função quotidiana de uso às refeições para comer (inclusive em sentido metafórico da sexualidade), como em todas as outras funções, sejam os adereços do guerreiro - o elmo para proteger o

nariz, o escudo, a cota, a espada - ou os adornos de mulher, nomeadamente os brinços. Mas o seu uso estende-se igualmente à representação de sentimentos, estados de alma ou ambiente, pelo movimento que lhe imprimem os atores e pelo perturbante som que produzem ao serem manipuladas.

Já se sabe que a Companhia do Chapitô privilegia o trabalho físico do ator, o movimento e a gestualidade. Neste caso, todo o espetáculo é coreografado, contribuindo de forma indelevel para o dinamismo da ação, a eficácia na comicidade e o elevado rigor na representação. É também evidente que se trata de uma criação coletiva, pela natural apropriação da linguagem e da gestualidade, apontando para um método de improvisação seguido de fixação, com direção exigente e criativa de Cláudia Nóvoa e José Carlos Garcia.

Se é um facto que o espetáculo não integra os diálogos teatrais em que se inspira, deles retém os temas que lhe permitem jogar e "atualizar" judicadamente a linguagem e os motivos, a tornarem a comunicação teatral absolutamente eficaz. O atento público que encha por completo a tenda do Chapitô reagiu com espontaneidade e prazer à paródia que se desenrolava à sua frente. De facto, ficamos sem fôlego ao testemunharmos



*Electra* Pela Companhia do Chapitô

a prestação dos atores, em ritmo alucinante, cada um a desempenhar pelo menos duas personagens agrupando-as nos pares Clitemenestra/*Electra* (Nádia Santos), Agamémnon/Orestes (Jorge Cruz), Efigénia/Egisto (Tiago Viegas), exímios na troca de personagens, na expressividade e na técnica física, numa verdadeira commedia dell'Arte pós-moderna.

A companhia Chapitô, que vai na sua 35ª criação original, e com créditos firmados em Portugal e internacionalmente, assume a comédia como seu veículo privile-

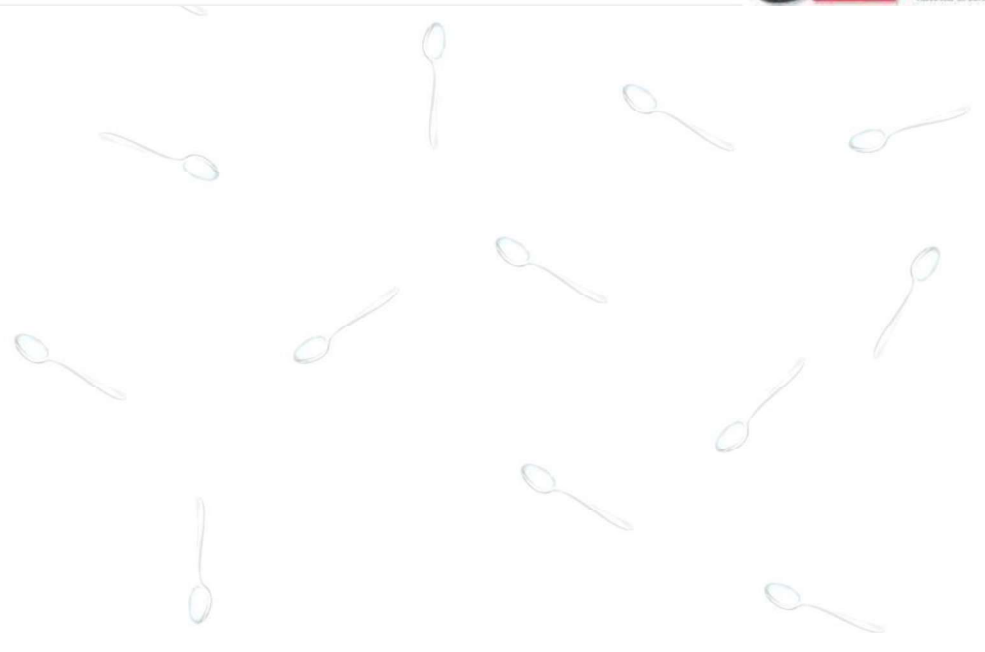
giado de expressão "pelo seu poder de questionar todos os aspetos da realidade física e social". Assim ficou provado neste espetáculo. Parabéns! **re**

#### ► ELECTRA

baseado nas diferentes versões da tragédia de *Electra*, Criação Coletiva - Companhia Chapitô, Direção Cláudia Nóvoa & José Carlos Garcia, Direção de Produção e Produção Executiva Tânia Melo Rodrigues, Sonoplastia Samuel Rodrigues, Silvo Rosado, Figurinas Cláudia Mendes, Desenho de Luz Samuel Rodrigues, com Jorge Cruz, Nádia Santos e Tiago Viegas.

Chapitô - Companhia do Chapitô, de quinta a domingo às 22h. Até 10 de abril.

**JL** JORNAL DE LETRAS,  
ARTES E IDEIAS



# Palco

## Tragédia grega à colherada

A fazer 20 anos, a Companhia do Chapitô continua a parodiar clássicos universais. Destacável *Electra*, só com colheres. As dez vezes. **Enrico de Barros** foi ver para ler.

Não é por nada que a Companhia do Chapitô tenha se tornado uma das companhias de teatro mais conhecidas do Brasil. Desde 1999, quando se fundou, a companhia tem se dedicado a parodiar clássicos da literatura ocidental, com um humor ácido e uma linguagem simples e direta. O resultado é uma série de peças que são verdadeiras obras-primas do teatro brasileiro contemporâneo.

Uma das últimas produções da companhia é *Electra*, uma releitura da tragédia grega de Sófocles. A peça é dirigida por João Paulo Torres e estrelada por um elenco formado por jovens talentos do teatro brasileiro. A linguagem é simples e direta, com um humor ácido e uma linguagem simples e direta. O resultado é uma série de peças que são verdadeiras obras-primas do teatro brasileiro contemporâneo.

uma das últimas produções da companhia é *Electra*, uma releitura da tragédia grega de Sófocles. A peça é dirigida por João Paulo Torres e estrelada por um elenco formado por jovens talentos do teatro brasileiro. A linguagem é simples e direta, com um humor ácido e uma linguagem simples e direta. O resultado é uma série de peças que são verdadeiras obras-primas do teatro brasileiro contemporâneo.

A linguagem é simples e direta, com um humor ácido e uma linguagem simples e direta. O resultado é uma série de peças que são verdadeiras obras-primas do teatro brasileiro contemporâneo. A linguagem é simples e direta, com um humor ácido e uma linguagem simples e direta. O resultado é uma série de peças que são verdadeiras obras-primas do teatro brasileiro contemporâneo.

O resultado é uma série de peças que são verdadeiras obras-primas do teatro brasileiro contemporâneo. A linguagem é simples e direta, com um humor ácido e uma linguagem simples e direta. O resultado é uma série de peças que são verdadeiras obras-primas do teatro brasileiro contemporâneo.



# Crítica

## Electra

Enrico de Barros

Chapitô, Rio de Janeiro

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

16 de Abril de 2015

# Teatro

## Casa do Artista: Teatro Armando Cortez

21 711 0890. Estrada da Pontinha 7, Caridade/BUS 726, 729, 768. **Ato, Alito.** De Jeremy Lloyd e David Croft, encenação de Paulo Costa Sousa e João Didelet. Com João Didelet, Elisa Galvão, Oceana Bastião, José Carlos Pereira, Melânia Gomes, Suzana Borges, Filipe Crawford, Sissi Martins, Ruben Madureira, Pedro Permas, José Neto, Luis Pacheco. Quá. - Sáb., 21.30. Dom., 18.00. 15€ a 18€. ▶ 30 Abr. Reposição da conseguida adaptação no palco da aclamada série de televisão. (RM)

## Casino Estoril

21 466 7700. Av. Dr. Stanley Ho Estoril, Estoril. **O Bailo.** Encenação de João Melo. Com Carla Chambel, Henrique de Carvalho, Rui Neto. Quá. - Sáb., 21.30. Dom., 17.00. 16€. ▶ 31 Mar. A ação desta peça percorre três gerações ao longo do século XX e centra-se em três personagens de classe média/alta lisboeta.

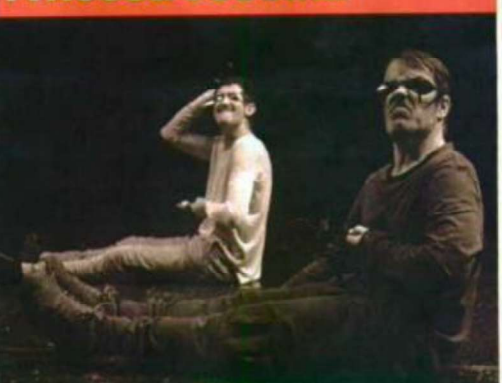
## Casino Lisboa - Auditório dos Oceanos

Parque das Nações - Al. dos Oceanos. **God.** De David Fosterham, encenação de António Fries. Com Joaquim Monchique, Diogo Mesquita, Rui Andrade. Quá. - Sáb., 21.30. Dom., 17.00. 9€ a 16€. ▶ 10 Abr. Ele aí está, no cimo da escadaria branca, luminoso, irradiando a sua luz ampliada pelo fato branco faiscante, pelo sorriso cintilante como uma bola de espelhos, pelos focos que lhe dão a aura. Deus chegou. Sentou-se sobre o alvíssimo sofá. E agora vai perorar, muito mais do que pregar sobre a sua obra e o estado do mundo, através da interpretação de Joaquim Monchique. (RM)

## Chapitô

Costa do Castelo 117. .BUS 28E, 737. **Electra.** Criação coletiva, direção de Cláudia Nogueira e José Carlos Garcia. Com Jorge Cruz, Nádia Santos, Tiago Viegas. Quá. - Dom., 22.00. 12€. ▶ 10 Abr. A heroína de hoje convenceu o irmão a matar a mãe para vingar a morte do pai engendrada pela esposa e progenitora e executada pelo amante desta depois do marido sacrificar a filha mais velha aos deuses em troca de vento favorável à sua

# A nossa escolha



## 1 Electra Chapitô

A Companhia do Chapitô celebra 20 anos com uma leitura hilariante de mais um texto clássico, toda feita de movimento, humor e muitas colheres. ▶ **Até 10 de Abril**

## 2 O Limpo e o Sujo Teatro Maria Matos

A nova criação de Vera Mantero centra-se na transição que acontece no interior de cada um de nós, para a construção de um mundo mais sustentável. ▶ **Sexta, sábado e domingo**

## 3 Intimidades Teatro da Luz

Uma peça adaptada de textos de Woody Allen. Dois casais e uma amante, todos à procura de um sentido para a existência através das relações sentimentais e do sexo. ▶ **Até 1 de Maio**

Dom., 16.30 e 21.30. 12,50€ a 100€. ▶ 30 Abril 2015. A revista de portuguesa está de regresso ao Parque Mayer.

## Teatro Municipal Joaquim Benite

21 273 9360. Av. Prof. Egas Moniz, Almada. **NOVO Frei Luis de Sousa.** De Almeida Garrett, encenação de Rogério Carvalho. Com Adriano Carvalho, Alberto Quaresma, António Fonseca, Carlos Fortuna, Joana Castanheira, João Ferreira, Marques D'Árcade, Pedro Walter, Teresa Coulinha, Teresa Galvão. Quá. - Sáb., 21.30. Dom., 16.00. 6,50€ a 13€. **Janita e espectáculo.** 14€. 1 Abr. ▶ 30 Abr. Uma nova encenação do clássico de Almeida Garrett, pela Companhia de Teatro de Almada

## Teatro Politeama

21 340 5700/96 440 9036. R. Portas de Sto António 109, Restauradores/BUS 36, 732, 745, 746, 759. **A República das Bananas.** De Filipe La Féria. Com Rita Ribeiro, José Raposo, Anabela, Ricardo Castro, Paula Sá. Quá. - Sex., 21.30. Sáb. - 17.00 e 21.30. Dom., 17.00. 10€ a 30€. ▶ 30 Abr. A revista de Filipe La Féria satiriza a actualidade política portuguesa e atira-se às figuras e políticas e publicas mais destacadas.

## Teatro Tivoli BBVA

21 357 2025. Av. da Liberdade 182/188. **NOVO Bem-Vindo Estranho.** De Angela Clarkin. Com Regina Duarte, Mariana Loureiro, Kiko Bertholini. Quá. - Sáb., 21.30. Dom., 17.00. 12,50€ a 25€. 31 Mar. ▶ 17 Abr. Jaki e a sua filha Elaine, vivem num claustrofóbico apartamento em Londres e mantêm uma relação nem sempre cordial. Chega então Joseph, o misterioso namorado de Elaine, que se prepara para viver no mesmo apartamento.

## Teatro Villaret

21 353 8586. Av. Fontes Pereira de Melo 30, Prazeres/BUS 727, 736, 738, 744. **NOVO Juntos em Revista.** Com Mariana Mota, Carlos Cunha, António Vaz Mendes, Erica Mota, Helder Aguiar, Inês Caranda. Sex. - Sáb., 21.30. Dom., 16.30. 20€. 1 Abr. ▶ 29 Mai. Mariana Mota e Carlos Cunha voltam a encontrar-se para o teatro de revista, com sátira social e política.



## Critica de Bruno Schiappa sobre "Electra"

"A mais recente produção da Companhia do Chapitô – Electra – anunciada como um criação coletiva a partir de várias versões em torno da heroína grega, oferece ao público um resultado que se destaca qualitativamente das produções anteriores.

Esta companhia, através do seu Teatro do Gesto – que se pauta pela contração do texto em comportamento, sendo um ramo do dito Teatro Físico – habituou-nos, com o seu reportório, a revisitarmos textos de teatro clássicos saboreando, com humor, a desconstrução e diluição textual.

Se, durante o período em que John Mowat era o encenador por excelência da companhia, a fábula representada era sublinhada por grandes traços grotescos na corporalidade apresentada, daí resultando uma enorme empatia com o público, por outro lado seria legítimo haver alguma incerteza sobre o resultado de um espectáculo sem a assinatura já reconhecida e reconhecível do mesmo Mowat.

Electra não cedeu a receios de comparação e apresentou a sua construção por Cláudia Nóvoa e José Carlos Garcia que assinam a “Direção.

A diferença em relação às produções anteriores é visível logo no início do espetáculo.

Quando entramos no espaço de representação – porque passamos por ele para nos dirigirmos aos lugares do público –, somos imediatamente atraídos pela dimensão da quantidade de colheres que enchem o chão, estrategicamente posicionadas. Apesar de percebermos que se trata da matriz cénica, tal visão não se traduz logo numa equação óbvia e/ou imediata no que diz respeito à simbologia ou significado da opção.

Quando o espetáculo começa, uma música – elemento que até esta produção não era incluída nas encenações de Mowat, pelo menos de modo evidente – invade-nos e começamos a perceber que há ali algo de estranho e agradavelmente novo na técnica/estética da companhia.

Os atores entram então em cena com a habitual composição atlética de uma corporalidade exímia e de excelência. Ao fim de algum tempo, apercebemo-nos de outra diferença em relação aos espetáculos anteriores: o texto habita o espaço ao mesmo nível e quantidade do gesto.

Começamos então a perceber o jogo das colheres. Dependendo da posição e da área física dos atores, as mesmas ganham a simbologia de capacete grego, brincos, armas de combate, brasão e, até, de urina, tal como surge num dos momentos mais inspirados desta construção artística e desempenhado pelo ator Tiago Viegas.

As colheres com as quais se serve fria a vingança, afinal, são o “aparelho” cénico que resulta de uma inspirada e inspiradora descoberta enquanto “maquinaria” de cena.

Jorge Cruz e Tiago Viegas são atores habituais e de referência nos espetáculos da companhia, oferecendo-nos com surpreendente qualidade as suas performances. É, no entanto, de realçar o trabalho de Nádia Santos – atriz que integra o elenco – pela dimensão acrobática e artística que imprime às personagens a que dá corpo e voz. Essa dimensão, até agora desconhecida (para mim que conheço o trabalho desta atriz) fascina a ponto de a começarmos a “ver”, bem como a Cruz e Viegas, como “super pessoa” dotada de poderes especiais cuja origem e termo não percebemos nem conseguimos, felizmente, identificar e que nos conduzem num festim para os sentidos surpreendente.

O resultado, perante o público, desta Electra, por não abdicar de zonas essenciais da narrativa através da palavra e usando esta última, também, como performance, não terá, talvez, uma dimensão explosiva de gargalhada do público – como as anteriores –, estimulando, antes, um sorriso constante “polvilhado” por momentos de riso.

O cuidado refinado com que o espetáculo é conduzido resulta de modo sublime estabelecendo uma agradável e confortável ponte entre o gestus e a palavra numa equação menos dionisiaca e mais apolínia.

A encenação/direção de Cláudia Nóvoa e José Carlos Garcia em Electra, sem qualquer desprimor para o anterior John Mowat, conseguiu dar, ao teatro do gesto da Companhia do Chapitô, um novo fôlego que recomendamos e que queremos continuar a encontrar nas próximas produções."

Bruno Schiappa



## ‘ELECTRA’: UMA TRAGÉDIA GREGA À COLHERADA E À MODA DO CHAPITÔ

[HELENA MOREIRA](#) ABR 12, 2016

[CRÍTICA DESTAQUES PALCOS & LETRASTEATRO](#) [COMENTÁRIOS](#)

Baseada na tragédia grega e nas suas diferentes versões de Eurípides, Sófocles e Ésquilo esteve em cena o espectáculo *Electra*, no Chapitô. O *Espalha-Factos* assistiu a uma das últimas apresentações da peça e ficou muito surpreendido com o que viu.

Na comemoração dos seus 20 anos, a Companhia do Chapitô apresentou, durante o mês de março e até ao passado dia 10 de abril, [mais uma das suas produções originais](#). Esta é baseada na tragédia grega *Electra*, uma história dramática e sobre vingança, com alguma comédia à mistura, que deu também o nome à peça. Durante cerca de uma hora os atores Jorge Cruz, Nádía Santos e Tiago Viegas marcaram sobretudo pela diferença, **numa interpretação a um ritmo alucinante**.

Colheres: um elemento fundamental

Aquele que podia ser um argumento comum, com uma história já conhecida por grande parte do público e uma peça de teatro como tantas outras, acabou por ser uma enorme surpresa.

O cenário e os adereços eram nada mais, nada menos do que colheres, o elemento fundamental. Estas eram símbolo tanto na sua função principal de uso às refeições para comer (bem como em sentido metafórico da sexualidade), como em todas as outras funções, sentimentos, estados de alma ou ambiente. Centenas de colheres espalhadas pelo chão, colheres que serviam de espadas, copos, serpentes, adereços de cabelo, flores, e por aí fora. Absolutamente tudo era representado por colheres.

Ainda assim, nem num momento o público se confundiu graças à interpretação sublime dos três actores, únicos em palco. Ambos não só distinguiam cada movimento que executavam com esses objectos, para que ficássemos a perceber a sua finalidade, como também diferenciavam cada uma das várias personagens que foram tendo a cargo ao longo da peça. Como costume, a Companhia do Chapitô destaca o movimento e a gestualidade e, neste caso, todo o espectáculo foi coreografado tendo em conta o dinamismo da acção, sem nunca esquecer, no entanto, a comunicação teatral eficaz.

As personagens femininas *Electra* e a sua mãe, de nome *Clitemnestra*, eram interpretadas por Nádía Santos. Tiago Viegas era *Ifigênia*, outra das filhas de *Agamenon*, e *Egisto*, amante de *Clitemnestra*. Por fim, o ator Jorge Cruz interpretou o Rei *Agamenon* e o seu filho *Orestes*. Entre outros pequenos papéis que foram surgindo durante a trama.

Ifigênia, à direita. Foto: Catarina Veiga

Uma dança até à morte

Na peça, a história segue os padrões da tragédia grega do dramaturgo grego Eurípides. No início da Guerra de Tróia, o Rei *Agamenon* sacrifica a sua filha, *Ifigênia*, para apaziguar os deuses e receber ventos favoráveis para avançar para Tróia. A sua esposa, *Clitemnestra*, nunca o perdoou por este ato, e após o seu retorno, dez anos mais tarde, mata-o juntamente com seu amante, *Egisto*.

Sendo uma ameaça ao lugar de rei, agora assumido por *Egisto*, este convence *Clitemnestra* a afastar o seu jovem filho Orestes. Electra, por sua vez, passa a ser responsável por todas as tarefas domésticas por ordem de Egisto, sem que sequer a sua mãe a defenda.

Mais tarde, Orestes regressa e, com Electra, planeiam vingar-se acabando por matar *Clitemnestra* e *Egisto*. No final, dançam. Dançam até à morte, visto que no enredo original o matricídio é considerado um ato desonroso.





Egisto. Foto: Catarina Veiga

O espetáculo termina e os atores são aplaudidos de pé durante alguns minutos. Durante uma hora, que passou sem se dar por isso, o público, sempre com o olhar atento, soltou também algumas gargalhadas. O drama de uma família disfuncional é interposto com pura comédia, algo característico deste género literário e muito bem recriado numa interpretação da Companhia do Chapitô que nos deixou sem fôlego. Uma peça (genial e muito inteligente) que, se em breve voltar, não deves mesmo perder!

Cátia Garcia. LE COOL LISBOA

**Nunca mais olharei para uma colher do mesmo modo!** Quem diria que uma colher pode ser um brinco, um cinto, uma armadura, uma seta, uma lágrima e... até uma colher!

É esta imaginação, esta surpresa, este inesperado que destaca a [Companhia do Chapitô](#). Na celebração dos seus 20 anos, a Companhia apresenta a sua versão de *Electra*, a tragédia grega sobre uma família muito... pouco funcional: uma mãe que mata o marido com a ajuda do amante, um pai que sacrifica a filha mais velha, uma família inteira que nunca se recorda do nome da outra filha e uma filha que – com a ajuda do irmão – quer vingar a morte do pai. Mas será que o vinga mesmo por amor ou por algum interesse maior? Confuso? Não faz mal, vai à peça porque ficarás a perceber tudo! É que **o Chapitô tem o dom de saber contar estas histórias gregas cheias de labirintos do modo mais divertido e compreensível**, mesmo que apenas três actores personifiquem inúmeras personagens. Num espaço “nú” tudo vês... é que cada movimento, cada gesto, cada música, cada palavra, enchem o palco e colocam na tua mente o que na realidade não está ali.

Com encenação de José Carlos Garcia e Cláudia Nóvoa, e interpretações – de aplaudir de pé – de Tiago Viegas, Jorge Cruz e Nádia Santos, este é mais um excelente exemplo do teatro físico e gestual do Chapitô.

Fotografia: Susana Chicó



## ALGUNAS TRADUCCIONES AL CASTELLANO

### JORNAL DE LETRAS

#### TEATRO- *Helena Simões*

#### ELECTRA A CUCHARADA

En la conmemoración de los 20 años, la Companhia do Chapitô, nos presenta Electra que, aun partiendo del episodio trágico de venganza inducido por la hija de Agamenón y de Clímenestra, es primorosamente parodiado en un espectáculo portentoso de invención, coherencia estilística y apurada concretización.

Es una adaptación especial de las tragedias que llegaron hasta nosotros sobre el antiquísimo mito de Electra, uno de los más populares personajes de la mitología griega, que instiga a su hermano Orestes a matar a su tío y a su madre por éstos haber asesinado a su padre Agamenón, que a su vez sacrificó a la hija mayor Ifigenia para conseguir vientos favorables para su partida a la guerra de Troya. Fiel a su estilo, la respuesta de la Companhia do Chapitô para este nuevo abordaje, es la de la pura acción escénica.

Y en escena apenas cuatro actores (que asumen todos los personajes) y una formidable escenografía compuesta por centenas de cucharas de postre repartidas por el palco y que se constituyen como la piedra angular de esta concepción dramática- pues, por la libertad de uso que le fue concedida y por la pericia de los actores - éstas van a crear a lo largo de toda la representación una tensión de violencia y riesgo patente en el sangriento episodio de Electra.

De hecho, la cuchara en este espectáculo es un elemento fundamental para la claridad de exposición, dado que, por la polisemia que le fue atribuida, es índice y símbolo tanto en su función cotidiana de uso a la mesa para comer (incluso en sentido metafórico de sexualidad), como en todas las otras funciones, sean los aderezos del guerrero- el yelmo para proteger la nariz, el escudo, la espalda- o los adornos de mujer, particularmente los pendientes. Pero su uso se extiende igualmente a la representación de sentimientos, estados de alma o ambiente, por el movimiento que le imprimen los actores y por el perturbante sonido que producen al ser manipuladas.

Ya se sabe que la Compañía del Chapitô privilegia el trabajo físico del actor, el movimiento y la gestualidad. En este caso, todo el espectáculo es coreografiado, contribuyendo de forma indeleble para el dinamismo de la acción, la eficacia en la forma de hacer comedia y el elevado rigor en la representación. Es también evidente que se trata de una creación colectiva, por la natural apropiación del lenguaje y de la gestualidad, apuntando para un método de improvisación seguido de fijación, con la dirección exigente de Cláudia Nóvoa y José Carlos García.

Si es un hecho que el espectáculo no integra los diálogos teatrales en que se inspira, de ellos retiene los temas que le permiten jugar y “actualizar” lúdicamente el lenguaje y los motivos, para transformar la comunicación teatral de un modo absolutamente eficaz. El atento público que llenaba por completo la carpa del Chapitô reaccionó con espontaneidad y placer a la parodia que se desenvolvía a su frente. De hecho, nos quedamos sin aire al testimoniar la prestación de los actores, en ritmo alucinante, cada uno desempeñando por lo menos dos personajes. Agrupándolas en los pares: Clímenestra/Electra (Nádia Santos), Agamenón/ Orestes (Jorge Cruz), Ifigenia/Egisto (Tiago Viegas), extraordinarios en el cambio de personajes, en la expresividad y en la técnica física, en una verdadera commedia del Arte posmoderna.

La Companhia do Chapitô, que ya va por su 35 creación original y con créditos firmados en Portugal e internacionalmente, asume la comedia como su vehículo privilegiado de expresión “por su poder de cuestionar todos los aspectos de la realidad física y social”. Así quedó probado en este espectáculo. ¡Enhorabuena!

## LA RISA SE SIRVE CALIENTE

“Cuchara en la boca” es el título de un libro de Herberto Helder que estuvo permanentemente en mi cabeza durante el espectáculo “Electra”, por la Companhia do Chapitô, donde las cucharas marcan señales y símbolos. Por todos los lados, no siendo sólo en la boca o en la cabeza.

Para quien nunca haya asistido a una representación de esta compañía de teatro, la palabra imperfecta sería: extraordinario. Para quien ya asistió a varias, es la misma palabra. Dentro de esta compañía, lo normal es un “continuum” de extraordinarios.

Para la niña de doce años que me acompañaba, la experiencia fue de tal modo marcante, que afirmaba que no quería volver a ir al teatro con miedo a “decepcionarse”. El listón quedó muy alto.

Aquí queda, por tanto, el pedido a la compañía: una nueva pieza de teatro, con urgencia, please, para consolidarle la fe en el teatro, antes de llevarla a ver a otro grupo.

El texto, de una agilidad dramática perfecta en contexto literario erudito con unas perlas incrustadas, del delirante humorístico (yo que sé....tantas...) al requintadamente poético (la ausencia de viento como la “apnea de la diosa”) es un ambicioso desfile de mitos con un mínimo de recursos. Cuenta la cósmica aventura de Electra y su familia, las hipocresías, los odios en las familias, aquellos cuya identidad se diluye en la familia y de quien ni se recuerda, nunca, el nombre, pero el terror, el desasosiego y el peligro que a veces es la familia, transversal a humanos y héroes, esos modelos tan terrenos.

Los cuerpos son, como es habitual, competentísimos en la expresión y en la súbita, sutil y expresiva transformación. Dos actores y una actriz para un número aparentemente imposible de personajes y un perro. Los actores disponen de los cuerpos con sus voces y miradas, y de cucharas, muchas cucharas, aderezos para todo: pendientes, armas, orejas de perro, comida de perro, comida de personas, objetos de sensualidad, orina cayendo de forma infame sobre un cadáver, e increíblemente, son a veces hasta...cucharas. Cuando se representan a sí mismas.

Pero son una presencia imprescindible en una escena desnuda donde solo están ellas y los tres cuerpos. Como los actores, también las cucharas se metamorfosean infinitamente, sin límites. Dos cucharas sugieren un perro vivo, las mismas dos cucharas dobladas sugieren un perro muerto. Con una cuchara más tenemos un ramo de flores para la tumba del amado padre, una sola cuchara y una flor para la tumba de la amada hermana. La más fea, que por eso fue sacrificada. La crueldad teatralizada en su irresponsible verdad.

El arte de la síntesis en un ritmo alucinantemente perfecto. O cómo la tragedia puede ser divertida sin pervertir su naturaleza, sin dejar de serlo.

Una forma soportable y deseable de contemplar y asistir al horror. Que es lo mismo que decir: contemplar la vida en su faceta mas obscena e insoportablemente impía.

Asi como la venganza se sirve fria, y éste es tambien un texto sobre la venganza, la terapia se sirve caliente. **Creo en el efecto terapéutico de esta pieza.** Porque en ella está todo: el mito, el arquetipo y la risa. La cura sagrada. Reírnos de los personajes en el escenario es como reírnos de nosotros mismos. Con la risa, saltan, se sueltan nuestros embarazosos, embarazados y trágicos trazos o lazos.

Estaba previsto ver esta pieza el jueves antes del fin de semana de la Semana Santa. Debido a un imprevisto de salud de uno de los actores, fue retrasada para el domingo. Lo que nos proporcionó el privilegio de asistir a la pieza en el día mundial del teatro, que culminó con la lectura del bellissimo, actualísimo y lúcido mensaje del director ruso Anatoli Vassiliev.

Ni siempre la vida es cruel, a veces es incluso miel, servida en cuchara, aderezo multifuncional en el escenario de esta divertida, inverosímil y tan real familia disfuncional.

*Por Risoleta Da Conceição*

## **AGENDA DE LISBOA**

Compañía del Chapitô. Creación Colectiva. Cláudia Nóvoa y José Carlos García,dirección; Jorge Cruz, Nádia Santos y Tiago Viegas, interpretación.

Son muchas las fuentes posibles para contar la historia de Electra, de la mitología griega, que le ofreció varias versiones, al contemporáneo Eugene O'Neill, pasando por las piezas de Sófocles, Eurípides o Esquilo. Faltaba, claro está, una versión de la Companhia do Chapitô, pródiga en contar clásicos con un furioso bienestar- (basta acordarse de Edipo o Macbeth)

Y hablando de furia, habrá figura femenina con más ira que Electra para vengar la muerte del heroico padre Agamenón por el amante de su madre? Y será que lo hace por el ímpetu de justicia? O será que carga consigo la perfidia y la maldad? O, peor aun, será que, como Jung nos hizo creer en en el campo del psicoanálisis, ronda por ahí cualquier cosa como el "complejo de Electra"?

*(texto de Frederico Bernardino)*



## Toda cuchara puede ser potencialmente otra cosa

Sobre “Edipo” y “Electra” de Companhia Do Chapitô  
por Rocío Bergé

Toda cuchara puede ser potencialmente otra cosa. Empecemos por ahí. De Edipo a Electra, se suman las cucharas. Hablo de la Companhia Do Chapitô (Portugal), a la que tuvimos el gustazo de recibir en el marco del ciclo internacional organizado por la Sala 420. En cuatro días, cuatro funciones: dos de Edipo y dos de Electra. Más allá de la irrelevancia de los números pares, lo que más llama la atención son esos tres cuerpos. **La actuación no es una magia, no es un don. No creo en eso. Creo que es un entrenamiento muy preciso para hacer que todo fluya a través de un cuerpo hacia otro cuerpo y por el espacio.** No tengo lecturas encima, no tengo manual. Hablo despojada, bastante despojada. Estos actores arman una puesta con tres cuerpos actorales. Son su escenografía, son todos los personajes que requieren (y otros anecdóticos también), son su ambientación sonora. Y son texto, y no en portugués, sino en un español que cualquier extranjero podría envidiar. Edipo y Electra de “do Chapitô” son la primera y la segunda parte de una búsqueda. En Edipo el despojo es total. Y sostener ese despojo, implica una dinámica rigurosa, un ritmo sin descanso, para sostener un relato clásico sin caer en lugares comunes. Y, más bien, sacarle solemnidad a la tragedia, y que por omisión o exageración funcione el humor. Exponer el relato al presente, dejar desnudo su drama sin otra pretensión. Acá hay una hermosa pérdida de respeto por lo “clásico” y, en el mismo movimiento, una decisión de volver a hacer Edipo, de reafirmar su existencia. Pero entonces hay que ver *qué Edipo y cómo*.

Hombres y mujeres que son animales, que son monstruos, construcciones y ensamblajes corporales, coreografías poéticas que *funcionan orgánicamente*. Porque entonces trabajar con un relato vox populi, habilita un campo infinito de exploración donde no se pone en riesgo la preocupación por el “que se entienda”.

Tanto Edipo como Electra coinciden en su capacidad de síntesis. La poesía existe gracias a la síntesis. La poesía no se preocupa por el *que se entienda*, en un sentido occidental y moderno, directamente no se preocupa. Entonces, ponerse una cuchara en la nariz *para hacer de cuenta*, no requiere ninguna explicación. Es una metonimia. La parte por el todo. ¿Cómo elegir entonces qué partes de qué todo? Ahí están los aciertos de la Companhia do Chapitô y una tremenda maquinaria corporal de ensamble. Electra tiene una puesta llena de cucharas. Antes de comenzar me encandila la cabeza la existencia de una alfombra de cucharas. Me llega ese brillo en la oscuridad. Todo se va a desplegar. Después esas cucharas son el universo de Electra, son piezas flexibles, partes de distintos todos, infinidad de posibilidades. El teatro solo actualiza algunas de esas posibilidades. Así es cómo crea poesía el cuerpo del actor, de la actriz. Así es como crea convención con cucharas, una convención propia para esa obra, para ese universo. Así es cómo nos encandila esa luz.

(Dedico este texto a la espectadora de al lado que dijo “no entiendo” cada cinco minutos durante toda la obra. Solo hay que dejarse encandilar, solo hay que dejarse llevar. La ansiedad mata al espectador. La ansiedad mata todo).

# Electra, Zorba y Kazantzakis

06 de Septiembre de 2016 | 02:22

Por IRENE BIANCHI

“ELECTRA”, por la Companhia Do Chapitó”. Intérpretes: [Jorge Cruz](#), [Nadia Santos](#), [Tiago Vegas](#). Sonido: [Samuel Rodrigues](#), [Silvio Rosado](#). Trajes: [Gloria Mendes](#). Diseño de luces: Samuel Rodrigues. Diseño: Silvio Rosado. Fotografía: [Susana Chicó](#). Dirección de producción y producción ejecutiva: [Tania Melo Rodrigues](#). Dirección: Claudia Novoa y Juan Carlos García. Centro Internacional de las Artes del Espectáculo de Sala 420, calle 42 entre 6 y 7.

Un repaso mitológico: Electra, hija de Agamenón y Clitemnestra, hermana de Orestes e Ifigenia. Cuando Egisto, amante de su madre, asesina a Agamenón en complicidad con Clitemnestra, Orestes es enviado al exilio. Tras su regreso, Orestes y Electra matan a su madre y a su padrastro.

Hace ya 4 años tuvimos ocasión de gozar del “Edipo” de la Companhia Do Chapitó en esta misma sala, y quedamos boquiabiertos. También eran tres actores que se multiplicaban en incontables personajes, como lo hacen ahora Nadia Santos, Tiago Vegas y Jorge Cruz, en esta particular e hilarante versión de “Electra”. Porque recordemos que la marca registrada de esta compañía portuguesa es justamente ésta: abordar con humor tragedias clásicas, sin desviarse demasiado del cuentito. **Son irreverentes, desaforados, respetuosamente irrespetuosos, si se me permite la expresión, y sus versiones seguramente divertirían a Esquilo, Sófocles y Eurípides.**

Otra característica de sus puestas muy poco convencionales, es trabajar en escenarios despojados. Los actores ponen sus cuerpos y sus voces al servicio de la acción. Son a la vez humanos, animales, objetos, viento, lluvia, mares, todo lo que el texto requiera. Semejante entrega y disponibilidad habla de un entrenamiento físico exhaustivo que da como resultado instrumentos absolutamente afinados, preparados para una interpretación maratónica. **Son atletas olímpicos de la escena.**

Un escenario sembrado de cucharas de postre y de sopa es lo que el público ve. Cucharas, sí; elementos tan domésticos, que se resignifican a lo largo del espectáculo en infinitos objetos. Un alarde imaginativo que señala la originalidad del enfoque y concepción del producto. Los actores obligan al espectador a asumir un rol sumamente activo; el público debe interpretar cada gesto, leer entrelineas, identificar a cada personaje, decodificar lo que está viendo. Un desafío atractivo y atrapante.

**Cada presentación de estos singulares artistas nos deja sin aliento, preguntándonos: “¿Cómo se les ocurrió?”.**

Nada como ese final, bailando la memorable danza de “Zorba, el griego”, frutilla de un postre exquisito.

## **Peça de teatro portuguesa recebe prémio em feira internacional**

A peça 'Electra' da Companhia de Teatro do Chapitô foi eleita a melhor durante a 30.ª Feira Internacional de Teatro e Dança de Huesca.

PUB

O evento, que decorreu entre 26 e 29 de setembro, é um dos mais importantes da área tendo como objetivo dar a conhecer e premiar as diferentes realidades que existem no mundo das artes, explica o Chapitô em comunicado.

"Depois do êxito no Chapitô, Argentina e Uruguai, 'Electra' conquista agora um dos prémios mais importantes em Espanha, outorgado por profissionais da área. É um privilégio podermos fazer o que gostamos e sermos continuamente incentivados e acarinhados! Gratos a todos!", agradeceu a companhia.

A peça premiada, dirigida por Cláudia Nóvoa e José Carlos Garcia, continuará agora a sua digressão nacional e internacional.

TEATRO  
ROBERTO HERRERO

## CHAPITÔ ACIERTA DE NUEVO

### ELECTRA

**Texto:** Companhia do Chapitô.  
**Producción:** Companhia do Chapitô.  
**Intérpretes:** Jorge Cruz, Nádia Santos, Tiago Viegas. **Dirección:** Cláudia Nóvoa, José Carlos García. **Duración:** Una hora.  
**Lugar:** Caasa de Cultura de Egia.  
**Fecha:** 13-5-2017.

Cuando esta compañía portuguesa representó en las Jornadas de Teatro de Eibar su anterior montaje, 'Edipo', pregunté a la actriz Nádia Santos por la marca que define los espectáculos de Chapitô. «Trabajamos con la esencia del teatro: un espacio vacío, el actor y la historia». Ahora, con motivo de la representación en San Sebastián de 'Electra' lo ha repetido. Y, ciertamente, ahí está buena parte de la clave de esta magnífica compañía.

Del texto ya se ocupan ellos, tras beber de fuentes clásicas, de obras inmortales de la historia del teatro. Desde hace unos años han incrementado la presencia de la palabra, donde antes muchas veces no existía o era testimonial. Con texto o sin él siempre han conseguido dar la vuelta a la obra original y, al mismo

tiempo, ser fieles a lo que en ella se cuenta. Así ocurre también en esta 'Electra', que resumen y exponen con inteligencia, sencillez e imaginación.

Los trabajos de Chapitô son siempre estimulantes y divertidos. Humor creado desde el rigor de un trabajo actoral exquisito y de una dramaturgia cuidada. En estos dos últimos montajes, 'Edipo' y 'Electra', nos pasean por el intrincado mundo de la tragedia griega, donde es fácil que el espectador se pierda hasta con un GPS especializado en mitología. Pero con ellos no solo nos divertimos, también seguimos las pistas de los múltiples personajes que en sus manos van asomándose en un circo de dos pistas.

Son tan buenos actores, con Nádia Santos en estado de gracia, que pueden contarnos lo que les dé la gana. Con un gesto, un detalle de voz, un simple guiño te cambian el paso y construyen de la nada emociones, espacios, personajes, historias. Companhia do Chapitô sigue siendo una cita fija en el calendario del buen teatro. Hoy repiten.

## Electra, de Do Chapito, representación del 3 de junio de 2017

por Moises de las Heras



CRÍTICA TEATRO

## ELECTRA DE DO Chapito, UNA CREACIÓN COLECTIVA

Un producto teatral que debo calificar como excelente, extraordinario, una matrícula de honor si tuviéramos que puntuarla. El resultado final que el espectador saca cuando sale del teatro es haber disfrutado. Pero cuidado, hay muchas formas de disfrutar. En este caso, se disfruta la **calidad, la inteligencia teatral, de aquello que se denomina CULTURA con mayúsculas.**

## UN TEATRO INTELIGENTE.



La **CULTURA con mayúsculas no es otra cosa que la capacidad del creador esforzarse en ofrecer algo nuevo**, algo nunca visto, algo trabajado desde el ingenio, nacido de la inteligencia, que se desarrolla con ingenio y que concluye en el placer de transmitir, de lograr que el público capte ese esfuerzo, esa inteligencia, de haber presenciado ingenio, ese esfuerzo mental en busca de novedades extraídas con el pico y la pala de las capacidades. NO es divertirse para descansar y la Electra de Do Chapito lo logra.

Porque si hay que describir con una sola palabra o con dos, ya digo, este **teatro**, es **“inteligente” ¿Por qué?**

**Por que nos sorprendemos principalmente de los hallazgos escénicos.** Si culturizar al pueblo desde el escenario tiene un nombre, uno de esos nombres es la compañía Do Chapito.

## CÓMO LO LOGRAN.

La Electra de Do Chapito logra impactar en el público **mostrando de la marioneta. Teatro sobre el teatro.** Tres actores, con un único vestuario, una composición diseño sobria, neutra, tirando griego, discretamente. Tres actores que evolucionan sobre la escena a cuerpo limpio, sin manipular objetos. Bueno, no, hay un objeto que protagonista de la obra, un cuarto actor. La cuchara.

## LA CUCHARA EN ELECTRA.



Muchas cucharas sobre las tablas. Es el único elemento que van a manipular. Jugando con esas cucharas, los tres interpretan a una cantidad ingente de personajes. La madre lleva unos “pendientes cuchara”, la hija, un “adorno cuchara” en la cabeza, el padre, un protector de escudo colocándose la cuchara sobre la nariz, el amante una “barba cuchara”. **Colocándose una o varias cucharas en varias partes del cuerpo o manipulándolas con las manos de diverso modo, ves cambios de personaje, objetos que aparecen y desaparecen, etc.** No les digo más. Quien vaya a ver la obra verá que estos son solo cuatro apuntes de los trescientos mil usos que le dan a la cuchara en sólo hora y media.

## TRAGEDIA GRIEGA

**Jugando con la cuchara incansablemente** durante toda la obra, el público asiste a una historia compleja, la historia griega, cargada de primos, hermanos, maridos engañados, amantes, hijos que mueren, se vengán, parientes raptados, asesinados, sobrinos, cuñados, reyes... en un sainete antiguo muy del gusto de hace dos mil años años. La tragedia griega es compleja y difícil, pero Do Chapito logra, a medio camino entre la pedagogía, el humor, y el teatro como instrumento de enseñanza, hacernos entender todo este mundo imposible, que atendamos a tan complejo familia y que **veamos con una claridad diáfana todo lo que sucede.**

## PERSONAJES MULTIPLICADOS.



NADIA SANTOS COMO ELECTRA

En Electra, de do Chapito, de repente, con un simple gesto, vemos que aparece un personaje en escena. **Nuestra imaginación va sufriendo lo que falta.** Sin necesidad de aditamentos ni vestuario, acaso cambiando las inflexiones o el tono de voz, o la actitud, (aparte de la chuchara) los personajes cambian, los actores pasan de uno a otro, a veces hasta sin transición. El juego es vertiginoso.

## UNA NOVEDAD CADA SEGUNDO

Las cucharas se mueven de aquí y allá sin parar ofreciéndonos **una idea genial cada dos minutos, cada treinta segundos.** Es eso, el ritmo que le imprimen, la capacidad de ofrecer un nuevo aspecto, de darle un nuevo uso a la cuchara, la inflexión de voz, de posición del cuerpo, de actitud del personaje es lo que logra el milagro. Un milagro teatral prodigioso. **A fuerza de ver tanto ingenio reunido a cuerpo limpio** y sin manipulaciones, en este trabajo colectivo el espectador va cargándose de adrenalina hasta el aplauso final inevitable.

## CAPACIDAD CORPORAL EN ELECTRA DE DO CHAPITO.

Otro aspecto es la capacidad enorme que tiene este grupo teatral para trabajar el **teatro en todos sus facetas. Desde el texto, que se dice con solvencia y con una voz educada teatralmente a la expresividad del gesto, intensa y enérgica. Pero también tienen una fuerza corporal enorme. Y todo ello se da de modo orgánico, con naturalidad, sin alardes.**

**Se mueven en escena de manera prodigiosa.**

## MIMACIONES



JORGE CURZ, NADIA SANTOS Y TIAGO

VIEGAS

A través del uso del mimo como disciplina, vemos a un caballo muerto, a una hija degollada, de cuyo cuello brota sangre. Un héroe se ahoga en una bañera. Un extranjero muestra la cabeza y el cuerpo muerto de un guerrero, al que sostiene por los cabellos. **Y para representar al ahogado, la degollada, al muerto inerte, todo se hace desde la mimación**, desde el movimiento corporal medido, exacto, trabajado para que nuestra imaginación lo vea sin que se necesite otra cosa que la expresión corporal.

## ELECTRA, LA ADRENALIN A SE MULTIPLICA

Y ya metidos en faena de ver y disfrutar sucede que **las cucharas son flechas, orin, comida de perro, ejército que desfila, crótalos, flores...** La enumeración es enorme, y más vale no desvelar como lo hacen, todo con cucharas. De verdad, todo el mundo debería ver esta obra sin perder un minuto sin falta, porque, como decía al principio, es un ejercicio de Cultura con mayúsculas, elevado a su máxima expresión.

## TEATRO CLÁSICO

Lo único que lamenta uno cuando sale del teatro de ver esta Electra de Do Chapito es haberse perdido obras suyas anteriores. **Difícil van**

**a tener las producciones que vienen este año al Teatro Romano de Mérida para superar a Jorge Cruz, Nadia Santos y Tiago Viegas, los tres actores de esta Electra de Do Chapito.**

No sé cómo esta obra no se ha incluido en la programación de Jesús Cimarro. No sé si es que no se han presentado, pero deberían. Sé que tres actores con 100 cucharas en escena solamente es poca escenografía para un marco tan suntuoso, pero a veces merece la pena sacrificar ciertas cosas, como que la obra no es adaptable a dicho entorno, con tal de disfrutar de tan maravillosa, genial, excelente, y sublime propuesta de Alta Cultura como la que disfrutamos la noche del sábado 3 de junio de este año en la sala Trajano de Mérida.

## La Región OURENSE

### Electra para divertirse

El grupo portugués compañía do chapito se atreve con la tragedia griega en clave de comedia



SONIA TORRE06/10/2017 11:21 H.

dirección de José Carlos Garcia y Cláudia Novoa, logran que lo difícil parezca muy fácil y que Electra, sin perder su esencia de mito griego rodeado de violencia, venganza, muerte y dioses, ofrezca otra manera de darse a entender y de contar su historia.

La propia compañía explica el empleo de la comedia para narrar "por su poder para cuestionar todos los aspectos de la realidad física y social". Y la obra, la que cuenta la trágica historia del asesinato del rey Agamenón a manos de su mujer Clitemnestra, que a su vez morirá en una venganza urdida por sus hijos Electra y Orestes, la compañía portuguesa la define de manera mucho más concisa: "Danza hasta morir, porque con la ayuda del hermano mata a la madre, porque la madre con la ayuda del amante mata al marido, porque el marido por no tener los vientos a su favor y sin ayuda de nadie sacrifica a la hija mayor".

Si aún así no queda claro quién es quién en esta historia y menos aún cómo puede tener un aire cómico que haga aflorar una sonrisa, a veces la risa, en el público, no queda otra opción que acudir a disfrutar la obra. Aunque deberán tener en cuenta que después de hacerlo, tal vez comiencen a cuestionarse un poco el uso de la cuchara, por si acaso.

La obra está basada en los textos clásicos de Sófocles y Eurípides, sobre Electra, pero es el resultado final de una creación colectiva de la propia compañía. Anteriormente a este interesante trabajo, la agrupación portuguesa ya se había atrevido con otro clásico griego: Edipo. Electra ha recibido el premio de los profesionales al mejor espectáculo de teatro en la Feria de Huesca y ha sido uno de los espectáculos más reconocidos, tanto por críticos como por público. Son, además, el perfecto ejemplo de que no siempre más es mejor.

### ENTREVISTA

## "La magia, conseguir representar una obra clásica como 'Electra' a partir de las cucharas"

La compañía portuguesa Chapitô representará la obra "Electra" a partir de las 20,30 horas de este jueves en el Auditorio

"Electra", de la compañía Chapitô.

CRISTINA MARQUINA12/10/2017 09:41 H.



La tragedia es comedia o, cuando menos, están muy cerca. Sólo el tono que conferimos a las cosas hace que algo trágico pase a ser cómico. Nosotros estamos acostumbrados a tratar las obras con un lenguaje cómico porque, como bien dicen algunos, las sonrisas pueden llevar a la comprensión.

#### ¿Cómo aderezar un espectáculo mitológico con cucharas?

Siempre intentamos transmitir en nuestros espectáculos la magia de conseguir que el público vea cosas a partir de casi nada. Algo aparentemente imposible como los personajes, la comida de un perro o los pendientes de una mujer se componen, en esta función, a partir de más de 200 cucharas.

#### ¿Por qué escoger un relato como "Electra" que bebe de los clásicos y exponerlo al presente?

La compañía ha hecho muchas funciones de clásicos desde siempre, a pesar de contar también con ideas originales. "Electra" nos daba juego a la hora de hacer nuestra función y encajaba con nuestro lenguaje teatral. La obra está basada en las diferentes versiones de la tragedia griega "Electra" pero no se pega al texto con el fin de que el público pueda comprender el relato.

La compañía portuguesa Chapitô se sumerge en la mitología griega con su obra "Electra", para demostrar que en el teatro la tragedia se sirve a cucharadas. Sobre las tablas tan sólo tres actores y cientos de cucharas de postre para conformar la escenografía de la representación teatral que estará hoy a las 20,30 horas en el Auditorio dentro del FITO. Bailar hasta morir es el único precepto que cuenta sobre el escenario para dar vida a un espectáculo en el que se emplea la comedia para narrar un baño de sangre familiar. Hace 13 años que Jorge Cruz comenzó a trabajar con esta compañía capaz de "llegar a mucha gente sin menospreciar la calidad".

#### ¿A su manera, qué historia cuenta "Electra"?

Como toda buena tragedia, "Electra" es una historia de mucha sangre. Al igual que la historia de la humanidad, una secuencia de crímenes que surge a raíz de una venganza da cuerda al relato. En pocas palabras, la hija de Agamenón, con la ayuda de su hermano, mata a la madre, después de que esta, con ayuda del amante, hubiese matado a su marido por no tener vientos favorables, y sin ayuda de nadie, sacrificase a su hija mayor.

#### ¿La tragedia puede ser divertida sin dejar de lado su naturaleza?



ALFONSO VÁZQUEZ — 23 OCTUBRE, 2017

## ELECTRA, POR LA COMPAÑÍA DEL CHAPITÔ: LOS DIOS DEBEN DE ESTAR LOCOS

La compañía portuguesa del Chapitô vuelve a bordar su acercamiento cómico a la tragedia clásica. Electra, un festival sangriento sin sangre, solo cucharas, a ritmo de syrtaki, todo ello con el personalísimo y genial estilo Chapitô.



Hay que ver cómo están en Tebas (¿te has enterado de lo de Edipo con su madre?). Y en Corinto no andan mucho mejor (Medea se ha cargado a sus hijos). Pues en Esparta, ¡ay en Esparta!, el secuestro de Helena, esposa de Menelao, ha desencadenado una guerra... A nosotros, en cambio, la noble familia de Agamenón y Clitemnestra, no nos pasa nada de eso. Somos una familia estructurada. Vivimos en Micenas, con nuestros hijos **Ifigenia, Electra y Orestes**. También tenemos un perro, Chuchopoulos, o algo así.

La portuguesa **compañía del Chapitô** vuelve a inspirarse en la tragedia (ya lo hizo en sus montajes de *Edipo*, de *Macbeth*, de *Medea*...) para elaborar un divertidísimo alegato en contra de la guerra, el crimen y la venganza.

En resumidas cuentas, tras sacrificar a su hija Ifigenia, Agamenón parte para la guerra de Troya, ausencia que es aprovechada por su esposa Clitemnestra para cohabitar con Egisto. A la vuelta del rey, su esposa lo asesina ante la mirada de Electra, hija de ambos. Años después, Electra convence a Orestes, su hermano, para que venga la muerte de su padre. El asesinato de Clitemnestra y de Egisto a manos de Orestes dará fin al ciclo de Electra... pero no a la espiral de violencia, que se prolonga en la *Orestíada* con la aparición de las erinias. Pero esa es ya otra historia (que pueden seguir en la película de Miguel de Arco, *Las furias*).

La creación es colectiva. Entre sus coautores están **Sófocles y Eurípides**, pero también el equipo artístico de la compañía, que basa su

propuesta estética en la improvisación a partir de los argumentos clásicos. Es una improvisación muy estudiada, no obstante. Se improvisa durante el ensayo creativo, luego se fija. Así, bajo la dirección de **José Carlos García** y **Cláudia Novoa**, los recursos del actor, su trabajo físico, su capacidad para el gesto y para la transformación son aprovechados al máximo.

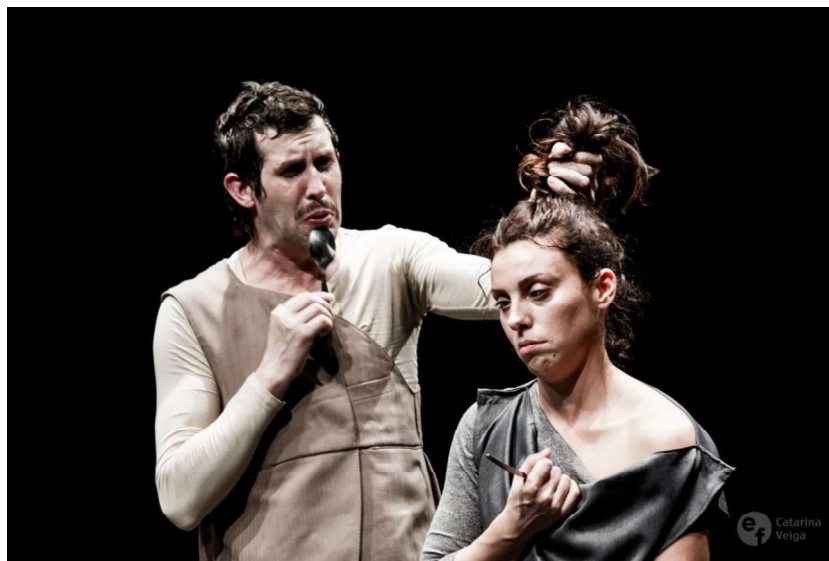
Se trata, además, de una forma austera de espectáculo, sin escenografía: tan solo un par de centenas de cucharas cubren el suelo y, oportunamente, cumplen como pendientes, escudos, dagas, orejas de perro, orina, ramos de flores e, incluso, cucharas.



*De izquierda a derecha, Tiago Viegas, Jorge Cruz y Nádia Santos*

Pero no crean que se trata de una propuesta naif. **Jorge Cruz, Nádia Santos y Tiago Viegas** pueden provocar la admiración y la risa con las escenas más gore del repertorio griego. Son excelsos en su representación de formas de matar y de morir. «¡Vamos a matar!», grita Agamenón antes de partir para la guerra de Troya y antes de sacrificar a su hija Ifigenia para que los vientos le sean propicios. Así, ese ardor guerrero desencadena la espiral de venganza que solo se detendrá cuando se haya vertido suficiente sangre. No es ninguna exageración. Está en los clásicos y está en nuestros telediarios. Chapitô conjura ese monstruo de una manera sutil. Lo reduce a la caricatura y nos produce la incomodidad de reímos con el crimen. Y nos reímos porque la posibilidad del crimen está en nosotros. No como algo atávico, sino como algo visceral.

Solo tres intérpretes sobre la escena desnuda (dos actores y una actriz) capaces de dar vida a los objetos, a los animales, a los vivos y a los muertos. Capaces de representar a un tiempo a un conjunto de personajes. **Nádia Santos** da vida a Electra, a Clitemnestra...; **Jorge Cruz** encarna a Agamenón, a Chuchopoulos, a Aquiles...; y **Tiago Viegas** representa a Ifigenia, a Egisto, a Aquiles... Teatro del gesto, por tanto, teatro físico y teatro minimalista, pues a partir del mínimo de elementos se consigue la máxima expresión.



*Tiago Viegas y Nádia Santos*

La transformación ante los ojos del espectador es otra de las claves de la estética de Chapitô. Ya por el uso de las cucharas, ya por la versatilidad de los tres intérpretes, hábiles no solo en la transformación súbita en otros personajes, sino también en la creación de cuadros en los que, sin nada, el público «ve» una bañera, un barco, un matasuegras, una botella de cava, unos fuegos artificiales...



En el método Chapitô la escenografía no es el único elemento dramático que adelgaza. También el argumento clásico disminuye hasta quedar en lo estructural, en el acontecimiento en bruto (y, no obstante, la adaptación es fiel a los originales). Un adelgazamiento en el que la violencia queda tan desprovista de motivación profunda, la guerra es tan gratuita, que a uno no le queda más remedio que abrazar aún más el pacifismo.

Desde su creación en 1996, la [compañía del Chapitô](#) ha realizado más de treinta espectáculos, que ha representado en Portugal y en todo el mundo. El teatro del gesto, el trabajo físico del actor y la utilización de la imagen y el sonido les permiten superar las barreras lingüísticas y presentar sus creaciones en países de todo el mundo.

No se pierdan esta ni ninguna otra creación de la compañía del Chapitô. Lo van a agradecer.

[No se pierdan](#)

[#Electra ni](#)

[ninguna otra](#)

[creación de la](#)

[@cia\\_do\\_chapito](#)

[Reseña](#)

[@avazqvazCLIC](#)

[PARA TUTEAR](#)

*Electra* pudo verse el pasado miércoles 18 de octubre en el Teatro de la Paz, en Albacete. Posteriormente estuvo en Almansa y en Granada.

En el marco del XXXV Festival de Otoño a Primavera, *Electra* estará en la [Sala Cuarta Pared](#), en Madrid, del 2 al 4 de marzo de 2018.

## CULTURA

Málaga HOY

Lo de Uri Geller no era nada

FACEBOOK TWITTER GOOGLE-PLUS

CRÍTICA DE TEATRO

# Lo de Uri Geller no era nada

BELÉN SANTA-OLALLA 31 OCTUBRE, 2017 - 02:10H

## La ficha

'**Electra**' Centro Cultural Provincial. **Fecha:** 27 de octubre. **Compañía:** Teatro do Chapitô. **Dirección:** José Carlos García y Cláudia Novoa. **Intérpretes:** Jorge Cruz, Nádia Santos y Tiago Viegas. **Aforo:** Lleno.

La fuerza de las tragedias griegas reside en su universalidad y su reflejo de los pecados humanos llevados al límite. Pero esa misma potencialidad trágica hace que apretar la tuerca un poco más abra la puerta de la comedia. **La compañía Do Chapitô lo sabe y elige el mito de Electra para desplegar sus artes interpretativas con un talento que no se merece otra cosa que reverencia.**

Tres excelsos actores ponen sus cuerpos al servicio de la historia, con una expresividad que parece un don natural pero que esconde una meticulosidad envidiable. Unos cuerpos-herramienta que se convierten en Ifigenia, Orestes, Agamenón o Egisto, mientras beben de la *Commedia dell'a*. (rte y lo mejor del *Clown*. Nádia Santos llega a hablar consigo misma encarnando tanto a Electra como a Clitemnestra. Jorge Cruz se convierte en el Agamenón más épico, el Orestes más niño y el perro más realista que haya podido verse en escena. Tiago Viegas derrocha un carisma que hace ansias su próxima intervención. Un trío de reyes portugueses que, para colmo, interpretan en español.

Pero lo verdaderamente extraordinario de esta propuesta son las cucharas. ¡Esas cucharas! Doscientas cucharas se convierten en todo lo que la compañía necesita para recrear este universo de traiciones. Cucharas que son flechas, flores, lágrimas y armaduras. Descubrimientos que solo pueden surgir de un trabajo entregado a la improvisación y al juego. La imaginación convierte los utensilios en cualquier cosa que el actor quiera que sean, con una brillantez y claridad que abruman. Un hallazgo tan evidentemente poderoso que hace que te preguntes por qué nadie lo hizo antes.

Por ello, esta *Electra* es un ejercicio de amor a la escena, donde la convención y la búsqueda de nuevos significados a lo cotidiano crean una complicidad insuperable. Teatro con mayúsculas. **Esto sí que es magia con cucharas y no lo de Uri Geller.**

## Electra / Do Chapitô / FIT de Cádiz

MANUEL SESMA

09 NOVIEMBRE 2017

Juego de cucharas

Nunca pensé que un utensilio tan simple, humilde y vulgar donde los haya pudiera dar tanto juego en una pieza de teatro. La cuchara, como objeto escénico, lo vi en un espectáculo del Festival Internacional de Expresión Ibérica en Oporto donde se pedía que el público tirara una cuchara a la escena como señal de deliberada intromisión.

“Meter la cuchara” significa entrometerse en un asunto para sacar provecho. No es el caso del espectáculo “Electra” que la compañía portuguesa Do Chapitô tiene en gira y que hemos podido presenciar con satisfacción unánime del público en el 32º Festival Iberoamericano de Teatro (FIT) de Cádiz. Y es que, la compañía lisboeta no juega a “meter la cuchara”, sino que la cuchara protagoniza el trabajo escénico que desborda creatividad e imaginación.

En “Electra”, creación colectiva dirigida por José Carlos García y Cláudia Novoa, se narra la historia del conocido personaje mitológico griego. Una cadena de muertes por asesinato, de venganzas, de odios y amores se sucede en el trágico relato cargado de comicidad.

Tras el “Edipo”, que aún sigue en gira, la compañía Do Chapitô se adentra de nuevo en la tragedia griega para recrear, si no los mitos, sí lo truculento de una épica que se remonta a los confines de la cultura clásica occidental. Atenas, el rey Agamenón, “liberar” a Helena de Paris, el sacrificio de Ifigenia hija del Rey, Clitemnestra –la madre y amante de Egisto primo del Rey- trama una venganza; Electra, la hija preferida del Rey, asesina a su madre con la ayuda de Orestes... O sea, una cadena de actos luctuosos para deshacer entuertos. Vaya, toda una compleja historia que en el trabajo de esta compañía se hace comprensible y, como sucede con otros montajes, tiene un final feliz para el espectador: reír y reír.

Lo peculiar de este espectáculo está en la utilización de un sinfín de cucharas metálicas como único elemento escénico. El comienzo de la obra se presenta con el suelo del escenario “sembrado” de cucharas. Los dos actores y la actriz inician su relato al tiempo que se desplazan por el espacio sin pisar ninguna cuchara. Los intérpretes llevan una cuchara cubriéndose la nariz, es la clásica máscara del teatro griego; sin duda, el objeto expresa la síntesis máxima de lo que –al igual que la nariz roja del payaso- significa un disfraz.

Pero en esta pieza, la cuchara o las cucharas se adaptan como utilería múltiple a la narración: máscara, agujas de tricotar, casco de guerra, cuchillo, vaso, pendientes para adornar las orejas, instrumento musical, antena de radio, espada, puñal, esponja, cepillo de dientes, copa de vino, gusanos, serpiente, antifaz, flor, cola de perro, hueso para el perro, dardo, cohete de fuegos artificiales, botella de champán...

¿Cómo puede ser que un objeto tan simple y común como una cuchara pueda simbolizar tantos objetos? La respuesta es muy sencilla. **Los intérpretes realizan un extraordinario trabajo gestual.**

La palabra cuenta la historia, pero la expresión corporal posee un lenguaje propio. Los movimientos, los desplazamientos, las acciones –a veces sin palabras- trazan un discurso coherente y perfectamente legible. La falta de viento para las naves, los avatares de la navegación y de la guerra, la simulación de los múltiples personajes –quizá no sea necesario recordar que solo son tres intérpretes- pudiera considerarse como una cuestión menor por su posible facilidad de representación. Sin embargo, la expresión corporal de Chapitô siempre ha estado y está en la categoría de genialidad.

En este sentido, solo quiero precisar dos escenas: el naufragio y el asesinato de Agamenón. En ambos casos, el actor simula estar dentro del agua con los movimientos espasmódicos de un ahogado seminconsciente; pero es que el asesinato se produce dentro de una bañera que no existe a la vista pero el público lo percibe como realidad. Clitemnestra y Egisto forcejean con Agamenón en una especie de danza trágica, agitada y hermosa; la escena, que se repite con la muerte de Clitemnestra, posee intensidad dramática, belleza estética y sentido rítmico, por sí misma tiene una categoría singular.

Aparte del excelente trabajo gestual, la compañía Do Chapitô detenta el don de la complicidad. Y es que, desde el primer momento de la representación los tres intérpretes se ganan al público no solo con la palabra de una narración casi coloquial, sino con la mirada, con una actitud cercana y cómica. No en vano, esta compañía tiene una formación específica y comparte su formación en la técnica del clown en su sede de Lisboa. En definitiva, tanto en “Edipo”, su anterior producción, como en “Electra”, Do Chapitô imparte una clase magistral.

### **Manuel Sesma Sanz**

**Espectáculo:** Electra. **Autor:** Creación colectiva. **Interpretación:** Jorge Cruz, Nadia Santos y Tiago Viegas. **Vestuario:** Gloria Mendes. **Texto en castellano:** María Guerrero y César Arias. **Dirección artística:** José Carlos García u Cláudia Novoa. **Compañía** Do Chapitô de Portugal. En gira. **32º Festival Iberoamericano de Teatro de Cádiz.**

## Do Chapitô saca 'las mejores risas' con su versión de Electra

**CULTURA** - IndeGranada - Sábado, 21 de Octubre de 2017

Festival Teatro de Humor Santa Fe

La compañía portuguesa participa por segundo año en el Festival Internacional de Teatro de Humor de Santa Fe.

FESTIVAL TEATRO HUMOR

*Un momento de la representación.*

Convertir una tragedia griega en casi una comedia no es tarea fácil. Sin embargo, sobre las tablas de los escenarios la compañía Do Chapitô ya tiene experiencia. Así ha quedado demostrado en la séptima obra del XXIII Festival Internacional de Teatro de Santa Fe con Electra, que ha vuelto a sacar las mejores risas de los asistentes 'con un baño de sangre'a.

La obra se desarrolla sobre una caracterización en el que no hay atrezzo ni decoración, sólo numerosas cucharas desplegadas sobre el escenario que los asistentes al José Rodríguez Tabasco pronto averiguaron la importancia que iban a tener.

Y es que aunque parezca que tres actores pueden ser pocos para interpretar todos los personajes que exige una obra griega, **Jorge Cruz, Nadia Santos y Tiago Viegas** demuestran su versatilidad para implicar a los espectadores con sus representaciones, desde Agamenón pasando por Orestes o de Electra y Clitemnestra a 'chucho polo', un agresivo animal que no deja indiferente a nadie. De este modo, la obra remonta a los asistentes a la Atenas del Rey Agamenón, donde se convoca una guerra en Troya, pero sin embargo los barcos de su majestad no pueden partir por falta de viento. El motivo, según los profetas, es que el monarca debe hacer un sacrificio. Todo vale con tal de atraer la voluntad de los dioses.

A partir de entonces se desencadenan una serie de acontecimientos que derivan en la muerte de varios personajes motivado incluso por la venganza de los hijos del rey para evitar que su esposa y su amante se hagan con el trono.

El 'baño' de sangre familiar se cuenta con un estilo propio al que ya tiene acostumbrados Do Chapitô, que desarrolla el espectáculo con una dosis de fina ironía, confusiones desternillantes y humor negro.

Como ha ocurrido en otras noches del ciclo santaferino, la compañía portuguesa ha aprovechado el momento final para recordar la figura de Alfonso Alcalá, director del ciclo fallecido hace casi un año. Sobre él han destacado que se trataba de una persona "especial" para ellos, pese al escaso trato que tuvieron, motivo por el que han pedido un sonoro aplauso al patio de butacas.

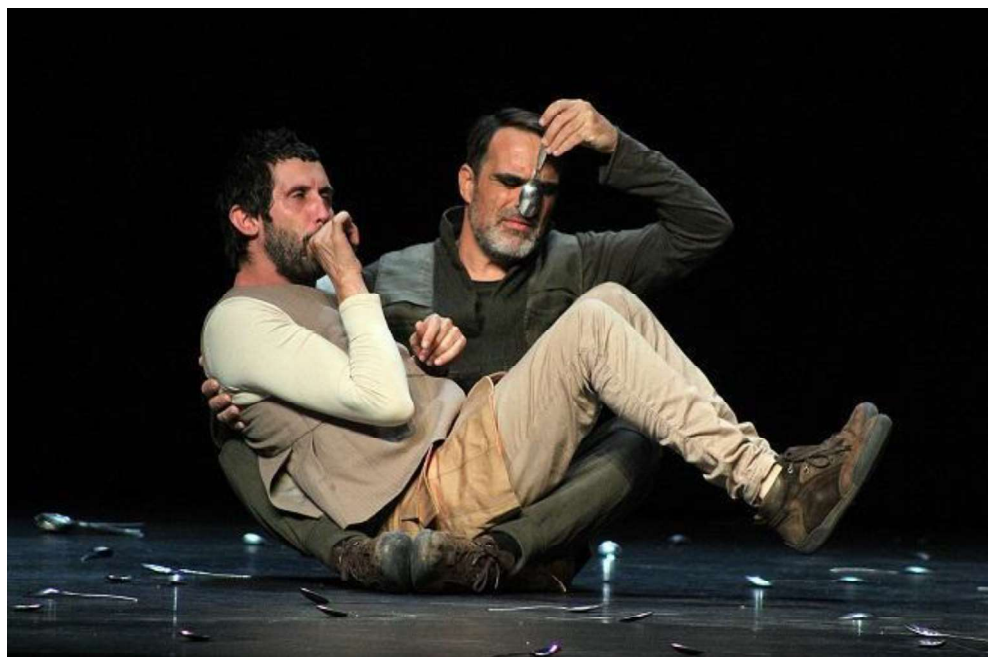
En la última cita de las Noches Golfas este sábado ha tocado el turno al grupo granadino The New Band, que han llevado al pub Alexis Viernes las mejores versiones del pop rock internacional

El punto y final al certamen lo pondrá este domingo Nueveuno con su 'Sinergia 3.0'. Un espectáculo de circo contemporáneo que combina técnicas de malabares, manipulación de objetos, verticales y danza, coreografiadas con gran plasticidad geométrica y sensibilidad armónica a lo largo de toda una hora de espectáculo.

La XXIII edición del Festival Internacional de Teatro de Humor de Santa Fe está organizada por Diputación de Granada y el Ayuntamiento de Santa Fe.

## EDIPO / ELECTRA Guía del Ocio.

**D**e la mano del Festival de Otoño a Primavera llega a Madrid la Companhia do Chapitô, bajo la dirección de José Carlos García. Fundada en 1996, esta prestigiosa compañía portuguesa tiene como objetivo crear espectáculos multidisciplinares que se asientan en el trabajo físico de sus componentes; creaciones en las que, a través del gesto y la imagen, se rompan las barreras lingüísticas para poder tener una relación más próxima con los espectadores de todo el mundo. En la Sala Cuarta Pared pondrán en escena una personal versión de *Edipo* (del V 23 al D 25 de febrero) interpretada por Nádía Santos, Jorge Cruz y Tiago Viegas, que dan vida a múltiples personajes que van contando, desde la hilaridad absoluta, esta terrible historia plagada de desdichas.



Días más tarde (del V 2  
al D 4 de marzo) estos mismos  
actores elaboran una sofisticada  
parodia de *Electra*, sin perder

un ápice de su naturaleza

## Clips on line

*Edipo*

### **Companhia do Chapitô**

**06.01.2018. Abrilabril.pt**

<https://www.abrilabril.pt/cultura/chapito-leva-edipo-e-electra-madrid>

**01.02.2018. Time Out**

<https://www.timeout.es/madrid/es/teatro/edipo-electra>

**07.02.2018. Iberismos.com**

<http://iberismos.com/ssingular-vision-de-electra-en-el-festival-de-otono-a-primavera/>

**12.02.2018. Notodo.com**

<http://www.notodo.com/otono-a-primavera-2018>

**21.02.2018. Mas Escena**

<http://www.masescena.es/index.php/detalle-teatro/692-el-xxxv-festival-de-otono-a-primavera-acerca-a-los-escenarios-madrilenos-el-trabajo-de-la-companhia-do-chapito-por-primera-vez>

**22.02.2018. La República Cultural**

<https://larepublicacultural.es/event44282>

**23.02.2018. La Razón**

<https://www.larazon.es/cultura/chapito-la-hilarante-tragedia-OF17746109>

**23.02.2018. El País**

[https://elpais.com/ccaa/2018/02/22/madrid/1519318127\\_010270.html](https://elpais.com/ccaa/2018/02/22/madrid/1519318127_010270.html)

**24.02.2018. Volodia**

<http://volodia.es/critica/teatro-comedia/edipo-companhia-chapito>

**24.02.2018. Kritilo**

<https://kritilo.com/2018/02/24/edipo/>

**26.02.2018. Que revienten los artistas**

<https://querevientenlosartistas.wordpress.com/2018/02/26/edipo-de-la-companhia-do-chapito-en-cuarto-pared-dentro-del-festival-de-otono-a-primavera/>

**27.02.2018. Diariocritico.com**

<https://www.diariocritico.com/teatro/critica-edipo-cuarto-pared>

**27.02.2018. Fronterad.com**

<http://www.fronterad.com/index.php?q=bitacoras/elgallinero/conversacion-en-oficina-tres-companias-portuguesas>

**01.03.2018. RTVE.es**

<http://www.rtve.es/radio/20180302/portugueses-chapito-cinco-candidatos-premio-valle-inclan/1686861.shtml>

**04.03.2018. Dramedias – RTVE.es**

<http://www.rtve.es/alacarta/audios/dramedias/chapito-2018-02-28t17-12-10700/4498014/>

*Electra*

**Companhia do Chapitô**

**07.02.2018. Iberismos.com**

<http://iberismos.com/ssingular-vision-de-electra-en-el-festival-de-otono-a-primavera/>

**03.03.2018. Kkritilo**

<https://kritilo.com/2018/03/03/electra/>

**03.03.2018. Diario Crítico**

<https://www.diariocritico.com/noticia/517522/teatro/electra:-una-mujer-dos-hombres-y-cientos-de-cucharillas.html>

**04.03.2018. Dramedias – RNE**

[https://www.ivoox.com/dramedias-teatro-clasico-murcia-fomo-chapito-audios-mp3\\_rf\\_24199399\\_1.html](https://www.ivoox.com/dramedias-teatro-clasico-murcia-fomo-chapito-audios-mp3_rf_24199399_1.html)

**09.03.2018. Artezblai**

<http://www.artezblai.com/artezblai/electra-chapito-festival-de-otono-a-primavera.html>

TEATRO Ana Artajo



Un momento de la representación.

VICKY BLANCO

## Tragedia + cuchara = comedia

### 'ELECTRA'

Creación colectiva: Companhia do Chapitô

Dirección artística: José Carlos García

Intérpretes: Jorge Cruz, Nadia Santos, Tiago Vegas

Dirección técnica: David Gonçalo Florentino

Texto en castellano: María Guerrero y César Arias

Dirección de producción: Tânia Melo Rodrigues

Distribución: César Arias - Marmore

Fecha: 3/11/2018

Lugar: Casa de Cultura de Cintruénigo.

**L**OS do Chapitô lo han vuelto a hacer. Ya nos deleitaron en el Festival de Teatro Clásico de Olite en 2016 con una gamberra adaptación de *Macbeth*, convirtiendo una de las tragedias más sanguinarias de Shakespeare en una desternillante comedia. Ahora nos traen su *Electra*, que llegó este sábado a la casa de Cultura de Cintruénigo para cautivar al público.

*Electra* cuenta una historia de traición y venganza. El rey Agamenón recibe noticias de la inminente guerra de Troya y decide partir para luchar con el bando griego; pero como los vientos no le son favorables, Agamenón debe sacrificar a su hija, Ifigenia, y así contentar a la diosa Artemisa. Su mujer, Clitemnestra, no perdonará ese agravio y, en ausencia de su esposo, consumará su amor adúltero con Egisto.

Por miedo a perder la corona, Egisto y Clitemnestra deciden asesinar a Agamenón cuando este regresa de la guerra. *Electra* contemplará todo con dolor, hasta que un día su hermano Orestes regresa del exilio. Juntos deciden vengar el asesinato de su padre, matando al amante y cometiendo uno de los matricidios más conocidos de la literatura universal.

Y, aunque todo tiene un halo de tragicidad considerable, los actores de la Companhia do Chapitô no tienen más que salir

a escena para que los coturnos caigan y la comedia estalle.

Son una compañía que apuesta sin dudar por un teatro desprovisto de parafernalia. En este caso, los únicos objetos que necesitan para adentrarse en el mundo griego son las cucharas. Con un puñado de ellas, crean un sinfín de personajes que el espectador reconoce al instante, escenifican batallas, simulan todo tipo de efectos de sonido, dibujan espacios, crean música... Lo maravilloso de todo ello no solo es el hecho de que hacen volar la imaginación del espectador, sino que este queda fascinado con el increíble trabajo de objetos que el montaje encierra. En cada cuchara se desata un universo de posibilidades dramáticas solo accesible a través de la investigación y el juego teatral, en un ejercicio de creatividad en el que la Companhia do Chapitô compete a otro nivel.

Algunas de las imágenes que generan son de una tremenda belleza. El público queda fascinado cuando las cucharas se convierten en serpientes y acosan en sueños a Clitemnestra, o cuando esta y Egisto vive su aventura erótica devorándose a cucharada limpia. Otras escenas, como la de las conversaciones desde la eternidad entre Agamenón e Ifigenia, rebosan genialidad y ocurrencia, partiendo, sin duda, de un inteligentísimo abordaje del texto clásico.

Por si fuera poco, la aproximación a la tragedia desde ese humor tan audaz hace que los grandes conflictos del ser humano sean relativizados, y que las acciones de los héroes mitológicos sean puestas en evidencia; siendo inevitable que el espectador acabe planteándose si él también no se habrá tomado alguna que otra vez las cosas demasiado en serio.

Los do Chapitô vuelven a demostrarnos que existe la posibilidad de un teatro que combina cultura, talento, ingenio y arte, y que se hace realidad ante los ojos del espectador como un auténtico regalo.